

ESCRITA À ESQUERDA: A PROBLEMÁTICA DO CANHOTO NA CALIGRAFIA

Gerson Manzke¹; Angela Raffin Pohlmann²

¹Universidade Federal de Pelotas – manzkeart@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta um recorte da pesquisa que está sendo desenvolvida no curso de Mestrado em Artes, do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), iniciada em agosto de 2023, sob orientação da professora Angela Raffin Pohlmann. Uma parte das questões aqui apresentadas surgiram durante os desdobramentos do Trabalho de Conclusão de Curso, realizado sob orientação da professora Kelly Wendt, no curso de Artes Visuais Bacharelado do Centro de Artes da UFPel.

O tema desta pesquisa parte da apropriação da técnica da caligrafia manual, e da investigação do “espelhamento” destas técnicas na construção da escrita caligráfica com a mão esquerda. As soluções encontradas para demonstrar as manualidades envolvidas na produção de expressões caligráficas permitem a observação de minúcias plasmadas a cada gesto do processo de construção dos signos visuais e da sua desconstrução, criando novos olhares sobre vestígios abstratos.

Como objetivos da pesquisa, pretendemos explorar novos modos de desenvolver técnicas de caligrafia especificamente para canhotos; observar as principais dificuldades vividas pelos canhotos na escrita; criar métodos de estudo e escrita para calígrafos à mão esquerda, e produzir expressões poético-visuais caligráficas a partir da construção e da desconstrução dos signos, observando as possibilidades de criação a partir de novos vestígios visuais. A fundamentação teórica inclui textos de Arnaldo Antunes (2007), Titus Burckhardt (1967), Aida Ramezá Hanania (1999), Francisca Moraes da Silveira (2007) e David Harris (2009).

Neste resumo, apresentaremos o trabalho *UpsideDown*, e a metodologia necessária para o “espelhamento” da técnica caligráfica tradicional para ser usada por canhotos.

O corpo e a corporalidade atuam nos dois modos de expressão: oral e escrito. No texto *Caligrafia*, Arnaldo Antunes (2007) traz essa imbricação entre os sentidos e percepções que habitam esse território híbrido, ao dizer que a “caligrafia está pra a escrita assim como a voz está para a fala” (2007, p.128). Em suas palavras, reconhecemos o que também nos faz refletir sobre essas características presentes na caligrafia, relacionadas com essas duas expressões (oral e escrita):

Assim como a voz apresenta a efetivação física do discurso (o ar nos pulmões, a contração do abdômen, a vibração das cordas vocais, os movimentos da língua), a caligrafia também está intimamente ligada ao corpo, pois carrega em si os sinais de maior força ou delicadeza, rapidez ou lentidão, brutalidade ou leveza do momento de sua feitura (ANTUNES, 2007, p. 128).

A caligrafia une a gestualidade da mão, ao produzir as linhas das letras, com o modo verbal presente nas palavras que estão sendo escritas. “A cor, o comprimento e a espessura das linhas, a curvatura, a disposição espacial, a velocidade, o ângulo de inclinação dos traços da escrita correspondem ao timbre, ao ritmo, ao tom, à cadência, à melodia do discurso falado”, diz Antunes (2007, p. 128).

Essa linguagem gráfica associa a “organização gráfica das palavras na página” com os recursos vindos dos movimentos do corpo, orientados “pelos impulsos do corpo que a produz” (ANTUNES, 2007, p. 128). Os tremores da mão, a curvatura do arco produzido por aquele braço, ou mesmo o tipo de papel que lhe serve de suporte, absorvendo a tinta ou permitindo que ela escorra, tudo isso faz parte das características visuais que compõem a caligrafia. Concordamos com Antunes (2007, p. 128), quando diz que “o escorrido da tinta e a forma de sua absorção pelo papel indicam a velocidade. A variação da espessura do traço marca a pressão imprimida contra o papel. As gotas de tinta assinalam a indecisão ou precipitação do pincel no ar”.

2. METODOLOGIA

As pesquisas no campo da caligrafia são constituídas de materiais e ensinamentos realizados por destros e se destinam para destros (figura 1). Os processos descritos para canhotos, nessa área, eram sempre uma adaptação da técnica, e em nada facilitavam os impasses colocados pelas ferramentas. Os exercícios não demonstravam este tipo de preocupação por parte dos professores, seja em cursos, vídeo-aulas, livros ou manuais.

Por ser canhoto, precisei adaptar uma forma própria e singular para a criação dos signos visuais, a partir do espelhando da gestualidade do destro na criação de meus traços caligráficos (figura 2). Nesse momento, essa foi a forma que consegui para prosseguir acessando os meios de conhecimento da caligrafia. Mais tarde, ao realizar pesquisas sobre artistas canhotos, percebi que vários calígrafos utilizavam o mesmo método de construção.

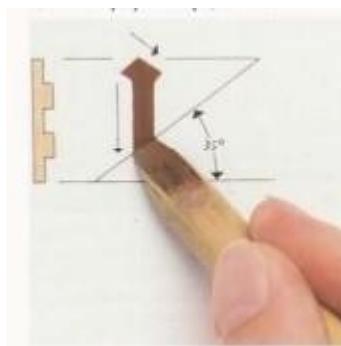


Figura 1. Método de Ensino da caligrafia gótica feita por destro. (HARRIS, 2009.)

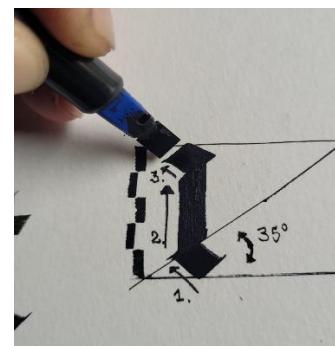


Figura 2. Método desenvolvido no espelhamento da técnica.

O “espelhamento” da técnica, como chamo, se dá pela inversão da construção e pelo modo como empunho as ferramentas para a criação das letras e demais linhas nos estudos e trabalhos práticos. Assim, a construção dos signos

visuais se dá pela utilização das ferramentas de desenho em movimentos realizados de baixo para cima.

O inconveniente não está apenas na forma de preensão das ferramentas de desenho, mas nos borrões que a mão esquerda produz ao tocar na tinta fresca das letras construídas da esquerda para direita, pois este é o modo tradicional da escrita ocidental. Os canhotos, por consequência, em diversas vezes acabam borrando os trabalhos ao utilizar tintas de secagem mais demorada (figura 3).

Em canhotos a progressão adutiva obstrui a retroalimentação visual porque a mão esquerda tende a esconder o que já foi escrito, resultando, muitas vezes, em erros de soletração. Quando escrevem com canetas, a mão esquerda passa sobre o estímulo escrito, manchando de tinta a folha de papel e tornando as palavras escritas ilegíveis, além de sujar a mão com tinta (SILVEIRA, 2007, p.14).

Ao criar estudos rápidos, conforme ia colocando as letras na composição, as primeiras ainda molhadas pelo contato da ferramenta com o papel, manchavam a mão pelo contato, e a mão manchava o papel posteriormente.

Na caligrafia árabe, a escrita é feita da direita para esquerda; desta forma, o canhoto ao caligrafar consegue observar com clareza a composição sendo criada. A professora Aida Ramezá Hanania (1999, p. 43) cita em seu livro *A caligrafia árabe* a forma de construção dos signos árabes: “A escrita árabe, é articulada por um conjunto de signos em que se salientam vinte e oito letras [...], que variam entre uma disposição vertical e outra horizontal [...]. Esses caracteres podem apresentar-se isolados ou associados”.

A escrita árabe realiza-se da direita para a esquerda, fato que Buckhart (1967, p.116) poeticamente esclarece: “O árabe é escrito da direita para a esquerda: equivale a dizer que a escrita parte do campo da ação em direção ao coração”.



Figura 3. Mão manchada em estudo de caligrafia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No trabalho *UpsideDown* (figura 4, abaixo), de intervenção urbana, ficaram evidentes estas relações entre a escrita com a mão esquerda e a necessidade de espelhamento da técnica caligráfica. A palavra “Upsidedown” foi escrita da direita para a esquerda, de baixo para cima na criação de cada signo visual que compõe a palavra. O modo de feitura do trabalho fica evidenciado pela enorme carga de tinta colocada no início de cada pinçelada, deixando a tinta escorrer pela superfície do muro, na parte inferior de cada letra.

Ao fotografar o trabalho, e ao inverter a imagem de cabeça para baixo, muda-se completamente a forma de observação da palavra escrita no muro, pois as letras compostas mostram a maior carga de tinta na sua parte superior. Além disso, a tinta parece “escorrer” para cima. Na inversão da imagem do trabalho, me coloco na posição do destro na construção de cada pinçelada sob a superfície.



Figura 4. Gerson Manke. *UpsideDown*. Intervenção urbana, tinta PVA sob concreto, 2022. (fotografia do muro e imagem invertida)

Os resultados, nesse caso, estão na similaridade da criação dos signos visuais que compõe a palavra na superfície, criando novos olhares acerca da forma espelhada na construção do trabalho e a colocação do canhoto dentro do campo do conhecimento, criando novos ensinamentos, observações e reflexões a partir de suas práticas.

4. CONCLUSÕES

Ao “espelhar” a técnica utilizada por destros na construção dos estudos de caligrafia, abriram-se oportunidades de desenvolver e transformar o modo de realização de meus trabalhos com a caligrafia. As expressões gráficas com caligrafias, que realizei nas intervenções urbanas, questionam seus próprios modos de criação, conversam com o espectador e chamam sua atenção para novas percepções acerca de cada obra. Essas realizações acontecem no ato de adaptação, na criação e na composição de cada trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Arnaldo. Caligrafia. In: DERDYK, Edith (Org.). **Disegno. Desenho. Desígnio.** São Paulo: Editora Senac, 2007. p.125-132.

BURCKHARDT, Titus. **Sacred Art in East and West**, Middlesex, Grã-Bretanha: Perennial Books, 1967.

HANANIA, Aida Ramezá. **A caligrafia árabe e a arte de Hassan Massoudy**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HARRIS, David. **A arte da Caligrafia: um Guia Prático, Histórico e técnico**. São Paulo: Editora Ambiente & Costumes, 2009.

SILVEIRA, Francisca Moraes da. **Desempenho na grafia e na direção grafológica em função da postura e da dominância manual em destros e canhotos em famílias de renda baixa e média**. 2007. 167 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento.